

O SR OLIVEIRA BRITO - (Sen revisão do orador) - Sr.

Presidente, a propósito da celeuma levantada nesta Casa sobre a impressão de uma cartilha de alfabetização na Universidade de Brasília, recebi do Professor Pompeu de Sousa, coordenador dos Cursos de Extensão Cultural, a carta que passo a ler para conhecimento da Casa Câmara que conste dos Anais:

Brasília, em 27 de abril de 1963.

Meu caro Líder:

Perdôe-me ocupar sua atenção - num momento em que a tem voltada para assuntos de tanta urgência e importância, no trabalho de elaboração legislativa - com matéria versada da tribuna da Câmara de molde que não reclamaria intervenção tão alta como a do próprio Líder da Maioria. Igual perdão lhe peço por ser este seu amigo, e não o Reitor Darcy Ribeiro pessoalmente, quem lhe escreve esta. Mas o caso é que - quanto ao primeiro ponto - o assunto possui em si, intrinsecamente, tanta importância e urgência, também, que transcende das limitações de pessoa e forma por que foi aí levantado; e - quanto ao segundo - ausente o Reitor, hoje, de Brasília, a serviço da nossa Universidade, achei-me, na qualidade de velho amigo e admirador de vossência e na de responsável direto pelo setor universitário visado, autorizado a dirigir-me a quem, mais que qualquer outro, está em condições de julgar do mérito da questão, patrono que é da UNB, por ter sido quem, como Ministro a estruturou e, como homem de cultura lhe abriu as portas na histórica cerimônia inaugural de 21 de abril do ano passado e ali, encontra e encontrará sempre portas e braços abertos para recebê-lo.

Vou direto ao assunto. Estou lendo, nos jornais desta manhã, que foram repetidas, ontem, da augusta tribuna dessa Casa do Congresso, disparates e inverdades que, nunca por nós respondidas, pela razão mesma do seu disparatado conteúdo, ganham novo alento e audácia para outras repetições dos mesmos agentes do obscurantismo cultural e político, e que, de tão reiteradas, acabarão por impressionar algum espírito mais apressado ou irrefletido. Desta vez, pretendeu-se criar em torno de um episódio praticamente inexistente a atmosfera de um acontecimento real e ponderável. Foi dito que "a Universidade de Brasília mandara editar uma cartilha para adolescentes e adultos, quando era Ministro da Educação o Sr. Darcy Ribeiro", cartilha esta intitulada "Primeiro Livro do Povo" e cujo conteúdo "não era de alfabetização, mas de politização", de cunho nitidamente comunista.

Este o disparate, infelizmente proferido de tão alta tribuna, que, pretendendo incriminar o Reitor Darcy Ribeiro, na verdade atingiria (se tal despropósito atingisse alguém) a Frei Mateus Rocha, Vice-Reitor da UNB, no exercício da Reitoria "quando em Ministro da Educação o Sr. Darcy Ribeiro" e uma das mais eminentes figuras da Igreja em nosso país, de vez que é Governador da Província Dominicana do Brasil; aliás, atualmente na Europa, onde discute, com as mais altas autoridades eclesásticas, as providências destinadas à concretização, tão cedo quanto possível, do Instituto de Teologia da Universidade de Brasília, já, por esta, projetado em definitivo, funcional e arquitetonicamente, e que será o único no Brasil e dos poucos em todo mundo implantado numa universidade leiga.

Este, o disparate. Agora, a realidade. De fato, aproveitando-se do período das férias de fim-de-ano, em que a UNB se encontrava praticamente deserta de professores, alunos e autoridades administrativas - um estudante, pertencente ao diretório estudantil provisório, valeu-se dessa condição para fazer mimeografar, por funcionário subalterno dos serviços de mecanografia da Universidade, originais cujo conteúdo escapou à apreciação do dito funcionário, que não tinha, aliás, qualificação para fazê-lo, mas apenas a boa vontade de ajudar os alunos da Casa, no que supôs fôsse apenas trabalho escolar, como tantos outros. Eram, na verdade, as páginas de texto tal "Primeiro Livro do Povo"; às quais seu autor acrescentou outras tantas de clichês providenciadas não sei onde, mas seguramente fora dos domínios da UNB; assinou-lhe a autoria, declinou como co-autores, os nomes de dois colegas seus (ignoro se pertencentes ou não à UNB) e pretendeu fazê-lo adotar pelos seus colegas, alunos da UNB, que, por iniciativa espontânea, dedicavam seus lazes nos turnos à luvável tarefa de alfabetização de adultos iletrados. Não o conseguiu, porém, repellido que foi; o folheto, in limine, por seus próprios colegas-alfabetizadores, ante a inépcia e inconveniência do texto e os erros grosseiros, não só de técnica didática como de português, que faziam a suposta cartilha não de alfabetização, mas também não de "politicação", como disse no disparatado discurso a que me venho referindo, porém antes de "analfabetização" e ridícula provocação. Ao mesmo tempo, no Departamento de Letras, em sessão de 8/3/63, o professor Nelson Rossi, responsável pelo ensino de Língua Portuguesa na Universidade, apresentava denúncia da existência do mostrengo (de resto, prontamente recolhidos seus poucos exemplares, pelo próprio autor, diante da condenação geral que encontrara), o que fez em termos os mais candentes, logo unânime e aprovado e convertido em Resolução pelo próprio Departamento de Letras, como se

pode vêr, da Súmula da nossa aludida reunião, da qual junto cópia é presente.

Como se vê ali, cópias da dita Resolução foram encaminhadas à Reitoria, ao Centro de Extensão Cultural e à Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília (FEUB). Membro, que sou, do Departamento de Letras, não aguardei chegasse o ofício respectivo ao Centro de Extensão Cultural, do qual sou Coordenador, para prover, desde logo, entendimentos com dirigentes da FEUB, notadamente o seu presidente, estudante Rubem Lima, meu aluno aliás, que sempre se destacou, no conceito geral de docentes e discentes da UNB, por seus atributos morais, intelectuais e culturais (trata-se, por sinal, de redator da Câmara dos Deputados). Tal como esperava, a entidade estudantil nada tinha a ver com o tal folheto, repudiava-o com a mesma condenação que obtivera de quantos o haviam visto (poucos, aliás, dado seu pronto auto-recolhimento), e estou convencido de que foi em consequência do incidente que se apressaram as eleições de constituição definitiva da entidade estudantil, como o consequente afastamento do autor da suposta cartilha do cargo de direção que ocupava, sem qualquer eleição para tanto, no órgão provisório.

Dessa forma, quando o Reitor Darcy Ribeiro chegou a tomar conhecimento do episódio, já se encontrava o mesmo sanado e saneado em seu próprio nascedouro, pela pronta repulsa de todos os órgãos universitários. Não lhe posso informar, meu caro Líder, se chegou mesmo a travar conhecimento direto com alguma rara cópia do mostrengo. Posso dizer, isto sim - e nem seria preciso fazê-lo - da indignação que manifestou pelo fato, êle que, como Ministro da Educação e Cultura que acabara de ser, havia lançado, em edição sem precedentes no Brasil (quatro milhões de exemplares, contribuição da revista "O Cruzeiro" ao Plano de Emergência do MEC), uma cartilha para alfabetização de adultos e crianças, como resultado de um trabalho de rigorosa e avançada técnica, que se prolongara por mais de três anos, em pesquisas de campo e elaboração, realizado por um grupo de linguistas do Sumner Institut of Linguistics, da Universidade de Oklahoma, encabeçado pela Dra. Sara Gudtchinski, atualmente professora da Universidade de Brasília e uma das maiores autoridades mundiais na matéria, em que é Consultora da UNESCO. Esta, meu caro Líder, a única cartilha mandada editar "quando era Ministro da Educação o Sr. Darcy Ribeiro", por iniciativa sua, quando ainda no Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, prosseguida quando já Reitor da Universidade de Brasília e finalmente concluída e publicada quando de sua curta e inesquecível passagem pelo Ministério, pouco antes ilustrado com a abalada gestão do atual Líder da Maioria na Câmara.

Isto é que julguei de meu dever, como professor da UNB e responsável pelo seu setor (Extensão Cultural) indiretamente envolvido no episódio, dizer, menos ao meu eminente amigo, que disto sabe e de muito mais, do que, por seu intermédio, a essa augusta Casa do Poder Legislativo, para que não fiquem sem reparo, nos seus Anais, atentados à cultura, à educação e à verdade, como o que constitui o discurso a que me refiro e que se pronunciou - veja só - a pretexto de comemorar a Semana Nacional da Educação. Move-me, sobretudo, a convicção - que estou certo é sua também - de que tudo quanto se faça contra a Universidade de Brasília é feito contra a cultura e contra a cultura e contra o Brasil.

Mais uma vez, perdôe-me o tempo tomado - que a boa causa excusa e justifica - e receba um fraternal abraço de seu amigo e admirador de sempre.

Esta carta vem acompanhada de outro documento extraído dos arquivos daquela Universidade, pelo qual se constata, à luz da evidência, que a cartilha não foi da responsabilidade daquela Instituição.

e, sim, de um aluno que a redigiu e fez mimeografar durante as férias, na ausência de seus companheiros de curso e dos professores, por um funcionário subalterno da Universidade. Conforme se verifica da Resolução nº 25 daquela Universidade, adotada muito antes que o assunto fôsse trazido a esta Casa, nenhuma responsabilidade têm o Reitor, os professores do curso e os alunos pelo que vou ler.

A resolução, em resumo, diz o seguinte:

"RESOLUÇÃO Nº 25

O Curso-Tronco de Letras Brasileiras, ao louvar e tornar seu o parecer do Professor Nelson Rossi sobre o folheto mimeografado "Primeiro livro do Povo", destinado ao curso experimental de alfabetização de adultos mantido pela Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília, resolve:

1. manifestar a mais veemente repulsa ao referido folheto, repleto que êle se encontra de inaceitavelmente grosseiros erros de toda natureza;
2. solicitar à Reitoria da UNB que apure quais os responsáveis por êsse ignóbil atentado ao bom senso, à dignidade universitária e ao respeito devido aos funcionários e trabalhadores analfabetos e semi-analfabetizados da UNB;
3. sugerir à Reitoria da UNB que aplique as medidas cabíveis, com o maior rigor, a êsses responsáveis;

4. solicitar ao Presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília que essa entidade estudantil adote medidas, não apenas capazes de evitar a repetição de atentados como êsse de agora, mas, igualmente capazes de transformar o curso experimental de alfabetização de adultos em exemplo consagrado do princípio de que alfabetizar é também atividade universitária;
5. transmitir esta Resolução, oficialmente, ao Reitor da UNB, ao Coordenador dos Cursos de Extensão Universitária e ao Presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília".

(cont. o sr. Oliveira Brito)

Sr. Presidente, diante desta Resolução tôdas as providências foram tomadas, ficando assim esclarecida uma vez por tôdas que o infeliz idéia dos estudantes que transmitiu para o papel e fez mimeografar na Universidade uma cartilha cheia de erros de português e que emitia conceitos que não poderiam, nem podem, em absoluto, ser aceites por qualquer homem de bom senso, inclusive pelos responsáveis pela Universidade de Brasília. Trago êste esclarecimento em homenagem àqueles colegas que justamente revoltados com o que aconteceu ocuparam a atenção da Casa

(cont. o Sr. Oliveira Brito)

O SR PRESIDENTE (RANIERI MAZZILLI) - Dei a palavra ao nobre Líder da Maioria para S. Exciz. fazer uma comunicação, pois o tempo está reservado à Explicação Pessoal do Deputado Brezolin. Pediria, assim, aos nobres colegas que nos apartes fôssen realmente objetivos e rápidos, porisso que devo assegurar o tempo do orador que está inscrito para falar em explicação pessoal.

O SR ARNALDO CERDEIRA - Obrigação a V. Exciz. e com o consentimento do nobre Líder da Maioria, gostaria de declarar a S. Exciz. e a esta Casa, já que hoje não pude avistar-me com S. Exciz. que estêve a serviço de outras missões, fora de Brasília, que à Mesa que V. Exciz. preside foi dirigido um pedido de comissão de inquérito para que apure os fatos a que S. Exciz. traz êstes esclarecimentos. E. Exciz., o Ministro da Educação, o Sr. Professor Tectônio Monteiro de Barros convocou-me a seu Gabinete, já que fui um dos subscritores do requerimento de inquérito, pois adoto nesta Casa o princípio de assinar todo e qualquer requerimento de comissão de inquérito, por entender que a Comissão de Inquérito não é contra ninguém, mas em favor dos que, injustiçados e injuriados, têm a oportunidade de

se defender perante o público e limpar-se de qualquer infâmia, miséria ou que sobre eles se lancem -- e exortamente por isso assinei o pedido de comissão de inquérito -- S. Excia. O Ministro da Educação convocou-me a seu Gabinete, como dizia, para declarar que apenas desejava algum tempo para comparecer a esta Casa, na conformidade do requerimento, nada tendo a opor a esta Comissão de Inquérito como a qualquer outro que se refira ao seu Ministério. O seu propósito, afirmou-me, é servir a este Governo e, sobretudo, honrá-lo; o que só é possível apurando aquêles fatos que, procedentes, devam ser punidos

(cont. Arnaldo Cerdeira)

as acusações não tenham razão de ser e sejam esclarecidas perante a opinião pública. O que não é possível é deixar-se que tenham curso coisas imprevistas ou que se continue em práticas condenáveis. S. Excia., o Sr. Ministro Teotônio Monteiro de Barros, declara a esta Casa, por meu intermédio, que está disposto a aqui comparecer tôdas as vêzes que S. Excias. , os Srs. Deputados, desejarem dêle qualquer esclarecimento.

Congratulo-me com o Sr. Líder da Maioria pelas informações que nos traz, e faço votos para que elas sejam realmente a expressão da verdade . . .

O SR OLIVEIRA BRITO - E elas o são.

O SR ARNALDO CERDEIRA - ... porque esta Casa está no propósito de apurar não somente êsses fatos, como outros que se verificaram nas gestões anteriores naquele Ministério, sobre atuação e programas em desenvolvimento, de orden esquerdista e comunista. Praza aos céus que isto não seja verdade; praza aos céus que que, através de convocações como esta e também de mais frequentes vindas à tribuna de nós, outros líderes que representamos o pensamento do Governo, possamos cada vez mais consolidar no conceito do povo este Governo, e possamos cada vez mais exercer os nossos mandatos sem qualquer constrangimento ou desconfiança, ou sem qualquer restrição quanto à idoneidade, à compostura e à decência que impusemos a nós mesmo e só por isso servimos ao Governo atual. (Muito bem)

O SR ABEL RAFAEL (Sen revisão do orador) - De mim, nobre Deputado Oliveira Brito, sou grato a V. Excia., nobre Líder da Maioria, pelas explicações que nos traz, vindas da Reitoria da Universidade de Brasília.

Mas peço a V. Excia. que compelmentasse as explicações que vêm da Reitoria, porque os exemplares da Cartilha de Alfabe

tização que eu trouxe a esta Casa, um dos quais exhibi da tribuna, eu os consegui dentro da Universidade de Brasília, e até hoje não foi tomada nenhuma providência não só para ressarcir a Fazenda Pública dos prejuízos advindos pela impressão da obra sem autorização

Oliveira Britto)

como os autores não foram punidos e gozam de toda autoridade e prestígio dentro da Universidade, como também êstes exemplares que todos agora condenam estão ainda até agora não destruídos, mas amontoados num cômodo da Universidade, esperando utilização. Creio que o Sr. Líder da Maioria não sabe dêstes aspectos que, espero, serão aclarados pela comissão de inquérito. Creio também que V. Excia. e o Ministro da Educação não concordam absolutamente com os fatos que denunciei, mas há mais alguma coisa que pretendo trazer conhecimento da comissão parlamentar de inquérito. Agradeço a gentileza das explicações mas pediria que então o Reitor da Universidade as complementasse, porque evidentemente, há alguma coisa de poeira sobre o céu da Dinamarca.

O SR OLIVEIRA BRITTO - Responde ao aparte do nobre Deputado Abel Rafael, declarando que S. Excia. recebeu informação inexata quanto à existência dos folhetos. Concededor que fui da impressão dos folhetos, providências foram tomadas e os exemplares encontrados apreendidos e destruídos.

O SR ABEL RAFAEL - Excelência, há uma semana consegui dois exemplares.

O SR OLIVEIRA BRITTO - Tenho essa informação da fonte mais segura. O Reitor da Universidade de Brasília e o Professor P Pompeu de Souza são homens de bem. Alguém pode discordar das suas idéias . . .

O SR ABEL RAFAEL - Eu trouxe o fato aqui, Excelência.

O SR OLIVEIRA BRITTO - . . . ninguém, porém, pode pôr em dúvida a honrabilidade

(ct. o Sr. Oliveira Brito)

porém por em dúvida a honrabilidade dêses brasileiros e S. Excias., hoje, no meu Gabinete, me reafirmaram em termos categóricos que os folhetos encontrados foram apreendidos e destruídos.

O SR ABEL RAFAEL - Consegui dois na semana passada e se V. Excia. for lá, descobrirá mais.

O SR PRESIDENTE (Ranieri Mazzilli) - Atenção, Srs. Deputados, o nobre Líder da Maioria está fazendo uma comunicação.

O SR ABEL RAFAEL - Peço desculpas ao nobre orador e à Presidência, mas possuo informações de onde se encontram mais exemplares.

O SR OLIVEIRA BRITTO - Certamente alguém guardou alguns exemplares para fornecer a V. Excia. As providências oficiais foram tomadas e reafirmo que a dignidade dos homens que me deram a informação me merece absoluta confiança. Não ponho em dúvida a palavra de V. Excia., Nobre Deputado Abel Rafael.

O SR ABEL RAFAEL - V. Excia. pode ter sido enganado, também.

O SR OLIVEIRA BRITTO - Não sou homem para ser enganado. De tudo me podem acusar, menos de "inocente útil".

Sr. Presidente, acredito na palavra dos homens e os que me deram as informações me merecem, como todos os homens de bem, absoluta credibilidade. Era o que tinha a dizer. (Muito bem, muito bem).

;;;;;;;;;;